

Legião de demônios ou novos crucificados? Elementos religiosos e teológicos nos olhares de Euclides da Cunha sobre Belo Monte e Antonio Conselheiro¹

Pedro Lima Vasconcellos

Professor do Departamento de Teologia e Ciências da Religião da PUC-SP e
Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-SP.

RESUMO

O artigo trata de um aspecto aparentemente pouco estudado na interpretação que Euclides da Cunha fez do arraial conselheirista: o recurso a referências de ordem bíblica e teológica. Este não se fez apenas com a finalidade de ornar literariamente o texto, mas cumpriu papel relevante na definição do autor a respeito dos fenômenos que buscava compreender. Nesse sentido é que aqui se aborda rapidamente o conjunto de reportagens enviadas por Euclides do palco da guerra e depois se passa a uma consideração de algumas páginas de *Os sertões*.

Palavras-chave: Antonio Conselheiro, Belo Monte, interpretação, guerra, Euclides da Cunha, martírio.

Abstract

The article refers to an aspect apparently not very much studied in the interpretation about the small village “conselheirista”,² made by Euclides da Cunha: the appeal to biblical and theological resources. This appeal was no made with the objective of ornating the text in a literary way, but had a relevant role in the author’s definition on the facts he was searching to understand. In this sense we briefly approach the collection of articles sent by Euclides from the war stage and afterwards the article presents some considerations regarding some pages of “Os Sertões”.

Key Words: Antônio Conselheiro, Belo Monte, interpretation, war, Euclides da Cunha, martyrdom.

¹ Este ensaio é parte de pesquisa de doutorado em curso, e é fruto de vários movimentos, dentre os quais destaco a confecção de um artigo sobre as reportagens de Euclides da Cunha enviadas da Bahia ao jornal *O Estado de São Paulo*, a ser publicado pela revista *Margem*, da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP, e de uma conferência realizada na última Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo. Agradeço às pessoas que reagiram a minhas idéias e interagiram com elas, tanto numa como noutra oportunidade.

² “conselheirista”: expression that comes from the religious activities, held by the main character Antônio Conselheiro, in the small village placed in the Northeast dry region of Brazil called “Sertões”.

Os processos históricos são brutos, imprevisíveis, insubmissos, intrincados. Não se interpretam, portanto, com recursos e metodologias que possam ser definidas totalmente a priori. Eles de alguma forma sugerem ao intérprete as ferramentas com os quais serão melhor abordados e compreendidos.

Com o arraial liderado por Antônio Conselheiro, a quem Euclides da Cunha e a República em geral sempre negaram o nome Belo Monte que seus habitantes lhe deram,³ chamando-o sempre por Canudos, não ocorreu diferentemente. Se se leva em conta o processo que o escritor fluminense desenvolveu pessoalmente em contato com o grande tema sobre o qual escreveu, que lhe serviu de verdadeiro divisor de águas, em boa parte podemos entendê-lo como uma abertura, o quanto mais ampla lhe fora possível, no sentido de captar mais adequadamente o sentido e a lógica dos eventos que via a sua frente. Uma dinâmica sem-sentido e brutal, mas que necessitava explicação. Os sertões são, de alguma forma, fruto desta trajetória peculiar.

Isso exigiu de Euclides uma metodologia que incorporava, de maneira significativa, uma abordagem teológica de Canudos e de Antônio Conselheiro. É bem verdade que tudo, em última instância, está subordinado ao determinismo geográfico, aos condicionamentos do clima e dos intercâmbios raciais, segundo os dogmas das ciências de seu tempo, de que era partidário ardoroso. Mas Belo Monte portava especificidades que exigiam um instrumental específico, que inclusive esclarecessem as formas da ação dos determinismos naturais. O fanatismo ignorante da gente sertaneja, a loucura carismática do líder Conselheiro são fruto de uma forma própria de os condicionamentos do contexto biológico e natural se concretizarem: a religião cristã em suas formas mais baixas e atrasadas. Daí a necessidade de alguns vãos pela história do cristianismo, a recuperação de personagens quase obscuros dos inícios cristãos, a leitura de Renan.

No entanto podemos perceber o interesse de Euclides pela temática religiosa já no conjunto de reportagens que, como correspondente do jornal O Estado de São Paulo, enviou ao jornal na época do conflito, nos meses de agosto, setembro e início de outubro de 1897, quando a guerra já se encaminhava para seu fim e o massacre dos sertanejos ia se consumando.⁴ Delas salientaremos alguns traços de cunho teológico a nosso ver relevantes para a compreensão da obra maior do escritor, publicada cinco anos após a guerra. Efetivamente procuraremos notar como elementos do universo religioso e

³ Para a importância hermenêutica da distinção entre os dois nomes, pode-se ler Sérgio Guerra. *Universos em confronto: Canudos x Bello Monte*. Uneb, Salvador, 2000.

⁴ As reportagens foram reunidas, e publicadas em 1939 sob o título *Canudos: diário de uma expedição*. Aí também foram publicados os dois artigos que Euclides escreveu sobre a temática, antes ainda de se dirigir para o sertão em guerra, e ainda os telegramas que o escritor enviou ao jornal. Recentemente, em 2000, este conjunto foi republicado (*Diário de uma expedição*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000). É dessa última edição que nos serviremos.

simbólico do cristianismo conhecido de Euclides contribuíram na sua percepção e invenção dos acontecimentos que como repórter cobrira e em *Os sertões* buscaria interpretar de forma mais cabal, inclusive revendo posições anteriores.

Por fim, a motivar estas considerações está o fato de que, salvo engano, o aspecto da análise euclidiana a partir de pressupostos vindos do mundo da religião não foi objeto de uma atenção mais cuidada por parte dos seus críticos. Já a primeira avaliação de *Os sertões*, de José Veríssimo, publicada imediatamente após a aparição do livro, apresentava-o como de um homem de ciência, um geógrafo, um geólogo, um etnógrafo; de um homem de pensamento, um filósofo, um sociólogo, um historiador; e de um homem de sentimento, um poeta, um romancista, um artista, que sabe ver e descrever, que vibra e sente tanto aos aspectos da natureza como ao contato do homem e estremece todo, tocado até o fundo da alma, comovido até as lágrimas, em face da dor humana, venha ela das condições fatais do mundo físico, as secas que assolam os sertões do Norte brasileiro, venha da estupidez ou da maldade dos homens, como a Campanha de Canudos.⁵

Ciência, pensamento e sentimento: onde, nestas virtudes e competências de Euclides caberão suas considerações sobre a cidade maldita ou ao “gnóstico bronco”? Walnice Nogueira Galvão chega a falar de “ideário positivista, anticlerical e até anti-religioso de Euclides”.⁶ O “até” que antecede o qualificativo “anti-religioso” ao mesmo tempo provoca e nos anima a desconfiar que, talvez sem muita consciência, Euclides partilha, a seu modo, de um traço fundamental da cultura brasileira: a sacralização da realidade e a interpretação desta a partir de categorias religiosas.⁷

I. TEOLOGIA EM JORNAL

Já nos artigos que escreve para o jornal *O Estado de São Paulo*, antes de se dirigir aos sertões, Euclides vê na revolta de Belo Monte a expressão de uma resistência ao novo regime político recém-implantado, similar à rebeldia da aldeia francesa, de nome Vendéia, aos rumos impressos pela Revolução Francesa. Confia em que “a República sairá triunfante desta última prova”.⁸ Mas, ao comparar o Belo Monte sertanejo com a Vendéia de cem anos antes, Euclides se refere também ao fato de que a resistência tanto

⁵ Citado por Regina Abreu. *O enigma de Os sertões*. Rio de Janeiro, Funarte / Rocco, 1998, p.211.

⁶ “Euclides, elite modernizadora e enquadramento”. In: Walnice Nogueira Galvão (org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo, Ática, São Paulo, 1984, p.36.

⁷ Marilena Chauí. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo, Perseu Abramo, 2000, p.58-87.

⁸ “A nossa Vendéia” (1). In: *Diário de uma expedição...*, p.52.

num como em outro caso tem motivações religiosas. O “chouan fervorosamente crente” francês compara-se ao “tabaréu fanático” do sertão: ambos exercitam “o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados”.⁹ O vago e depreciativo fanatismo, perspectiva que Euclides partilha com outros que abordaram a saga conselheirista e da qual não se afastará até *Os sertões*, é a porta de entrada para considerar o universo mental e religioso dos combatentes de Belo Monte.

A caminho do sertão: um interrogatório e uma missa

No entanto, em seu caminho para o cenário da guerra, no contexto de uma longa estadia em Salvador, Euclides trava um encontro decisivo para suas percepções e análises, com um jagunço de Antônio Conselheiro, Agostinho, adolescente de 14 anos, a 19 de agosto de 1897. Aprisionado e trazido à capital, submetido a longo interrogatório¹⁰, finalmente tem de responder “sobre questões mais sérias”: armas, e convicções religiosas. Quanto a estas últimas, a surpresa de Euclides se manifesta na resposta à pergunta pela promessa feita pelo Conselheiro a quem morresse na luta: “Salvar a alma”.

Por que a resposta teria soado “inesperada”, se “salvar a alma” era tudo a que o cristão mediano, minimamente conhecedor da doutrina católica convencional, aspirava? O espanto parece vir justamente da concordância entre as promessas do herege fanático e ignorante e o que as igrejas ensinavam, reproduzindo o catecismo tridentino, que Euclides certamente conhecia!¹¹ Pois para o inquiridor, que neste momento sintetizava o sentimento da nação e perguntava o que esta na verdade julgava já saber, importava marcar a diferença, arrancar a aberração, comprovar o absurdo. A concordância então espanta, incomoda, e começa a colocar em cheque a polarização estabelecida entre doutrinas palatáveis e fanatismo, entre religiosidade viável e manifestações fruto da ignorância.

Quinze dias depois uma missa, ocorrida em meio a “espingardas, cinturões e cantis e um selim suspenso no teto”, atravessa o caminho de Euclides rumo ao sertão,¹² que se mostra visivelmente incomodado com a situação, em que pareceria estar mentindo “às minhas crenças”. Não: “não traí a nossa fé, transigindo com a rude sinceridade do filho

⁹ “A nossa Vendéia” (1). In: *Diário de uma expedição...*, p.51 (grifos de Euclides).

¹⁰ *Diário de uma expedição...*, p.105-111.

¹¹ Não discutiremos aqui em que a proclamação do Conselheiro se distinguiria do receituário católico convencional, mesmo no tocante à escatologia, pois nos desviaria do objetivo mais preciso deste texto. Pode-se ler a respeito Alexandre Otten. “Só Deus é grande”. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo, Loyola, 1990, p.203-355.

¹² *Diário de uma expedição...*, p.153.

do sertão...” Vemos aqui a síntese que ele faz entre seus ideais republicanos e de modernidade e um ritual litúrgico que lhe impede, naquele momento, a anterior indiferença. Mais do que transigir com o sertanejo, a missa que presencia é expressão do que adiante declarará com todas as letras: a parcialidade do divino contra quem se arrogava a agir a partir de referenciais claramente religiosos e em prol do empreendimento militar que se lhe interpõe.

Profetas, maldições e legiões

Ao chegar finalmente ao campo de batalha e divisar o arraial,¹³ Euclides não consegue conter o espanto, a começar, como sempre, com a topografia. Mas quando olha “para a aldeia enorme e não se lobra um único habitante”, pensa numa “cidade bíblica fulminada pela maldição tremenda dos profetas”.¹⁴ Como que por um momento deixa os detalhes topográficos e viaja a Israel, ao encontro de profetas vaticinadores do terror e da destruição, encontrando-os abundantemente, particularmente em relação a Jerusalém. Assim sendo, a “aldeia sinistra” tem sua iminente destruição selada com o beneplácito divino, inclusive porque produz mártires.¹⁵ A cidade santa bíblica é transposta para as margens do Vaza-barris; tornada “capital de taipa” dos “restos de uma sociedade velha de retardatários”, precisa ser destruída pela ação civilizatória de “nossas tropas”.¹⁶ Por outro lado, o que estas fazem é apenas realizar os vaticínios proféticos, qual agente divino destinado a cumprir as profecias catastróficas de destruição da cidade santa.

Se Belo Monte é o “arraial maldito”, e o Exército não faz outra coisa que realizar a implacável mas indiscutível vontade divina, o que são os rebeldes sertanejos? Euclides não foge à conclusão: eles, que parecem vir de nenhum lugar, seriam, ao olhar da fantasia, “uma legião invisível e intangível de demônios...”¹⁷ Se a tão sonhada vitória demora, deve-se ao fato de que os inimigos são sobrenaturais, terrivelmente sobrenaturais!

Desde Nóbrega e Anchieta se sabe que o demônio está no sertão. Afinal de contas, já nos garantia frei Vicente do Salvador, em 1627, que o diabo, não tendo mais lugar na Europa cristianizada, se instalou por estas bandas, mudando inclusive o nome dessas

¹³ *Diário de uma expedição...*, p.174-182.

¹⁴ *Diário de uma expedição...*, p.178.

¹⁵ Para a qualificação dos soldados como mártires veja *Diário de uma expedição...*, p.69.

¹⁶ *Diário de uma expedição...*, p.91.

¹⁷ *Diário de uma expedição...*, p.178.

terras, de uma referência ao símbolo da salvação a um mais conveniente com seu novo morador.¹⁸ E tendo-lhe os portugueses roubado, pela evangelização, as terras do litoral, contentando-se “de as andar arranhando ao longo do mar como caranguejos”,¹⁹ restou-lhe o interior. A Euclides coube precisar exatamente onde ele se encontrava. Na verdade, em Belo Monte os demônios estão aos montes, formam uma “legião”. E aí, mais do que uma coincidência, isto parece remeter para um texto evangélico, em que Jesus, ao expulsar um espírito impuro, fica sabendo que seu nome é legião (Mc 5,9).²⁰ No entanto, é importante notar a direção impressa à citação: ao contrário da legião bíblica, demoníaco não é quem vem de fora, mas quem resiste ao invasor. Legiões não são os militares, mas os rudes sertanejos. A violência é provocada pelos jagunços; isso fica patente no fato de Euclides se referir à “legião de demônios” quando fala do uso de armas que estes fazem. Não mereceu imagem semelhante qualquer das descrições de ataques realizados pelo Exército.²¹ O desconhecimento da topografia e das estratégias do inimigo, que o tornam operante e resistente, converte-o em um coletivo diabólico. Não se pode, portanto, negar o caráter altamente estigmatizador da expressão utilizada. A desumanização do outro chega aqui, certamente, a um ponto alto.

II. TEOLOGIA EM LIVRO

Na redação de *Os sertões*, que Euclides começará a escrever logo depois de sua volta dos sertões baianos, quando é designado para acompanhar as obras de reconstrução de uma ponte em São José do Rio Pardo, interior paulista, o tom se modifica sensivelmente. Na verdade, as últimas reportagens já deixavam antever uma significativa revisão de posições. Mas é na escrita do livro que Euclides poderá dar vazão às contradições que vem carregando dentro de si desde quando testemunhou o cruel massacre sem poder denunciá-lo. De toda forma, o “livro vingador” acabou servindo, nas palavras de Eduardo Hoornaert, como um exorcismo junto à intelectualidade brasileira. Era preciso sacrificar o Conselheiro no altar da honorabilidade brasileira para que a elite do país pudesse recuperar-se do trauma causado pela memória de uma ação tão covarde do governo do país diante de uma comunidade de pobres sertanejos.²²

¹⁸ Laura de Mello e Souza. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*. 6 ed., São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p.67-68.

¹⁹ Vicente do Salvador. *História do Brasil (1500-1627)*. 7 ed., Belo Horizonte, Itatiaia, 1982, p.59.

²⁰ É notável que Euclides tenha percebido o alcance político-militar desta expressão bíblica, algo que vem sendo reconhecido, no campo da pesquisa exegética, apenas recentemente: a legião que aparece no evangelho é imagem da ocupação e violência romanas sobre Israel (Ched Myers. *O evangelho de São Marcos*. Paulus, São Paulo, 1992, p.237-241; John D. Crossan. *O Jesus histórico*. A vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. 2 ed., Imago, Rio de Janeiro, 1994, p.350-355).

²¹ Esta não é a primeira vez que Euclides aproxima os sertanejos dos demônios; na reportagem de 20 de agosto, ainda na capital da Bahia, menciona a “perversidade satânica” dos jagunços (*Diário de uma expedição...*, p.115).

²² Eduardo Hoornaert. *Os anjos de Canudos*. Uma revisão histórica. Vozes, Petrópolis, 1997, p.81-82.

Em outras palavras: a despeito das inúmeras contradições no enredo do livro (e que não é o caso de discutir aqui) os sertanejos que fizeram Belo Monte são ardorosamente defendidos, seu martírio corajosamente denunciado, ao preço da estigmatização do Conselheiro. Mas haveria, nessa intrincada posição, lugar para Euclides articular elementos do universo religioso e bíblico? O recurso a ele foi inevitável, como poderemos verificar.

Profecias do “falso apóstolo”

A avaliação que Euclides faz de Antonio Conselheiro, desde o começo, é francamente negativa. O líder do arraial rebelde, com seu “sistema religioso incongruente e vago”,²³ de alguma forma concentra todos os males do povo que comanda:

Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores, livremente exercitadas na indisciplina da vida sertaneja, se condensavam no seu [do Conselheiro] misticismo feroz e extravagante.²⁴

Em Antonio Conselheiro se concentram tanto as manifestações do atraso racial quanto as aberrações religiosas sincréticas; aliás, estas são expressão daquele.²⁵ Desta caracterização negativa do Conselheiro Euclides não se afastará, e por ela afirmará a inviabilidade daquilo que Belo Monte representava. Daí encontrarmos, a todo momento, alusões ao “falso apóstolo” e a suas profecias, em que se alternam ironia e crítica. Ele não tem dúvidas:

Quem as [as prédicas de Antonio Conselheiro] ouviu não se forra a aproximações históricas sugestivas. Relendo as páginas memoráveis em que Renan faz ressurgir... os adouçados chefes de seita dos primeiros séculos, nota-se a revivescência integral de suas aberrações extintas. Não há desejar mais completa reprodução do mesmo sistema, das mesmas imagens, das mesmas fórmulas hiperbólicas, das mesmas palavras quase.²⁶

Nesse ponto se chega a um detalhe fundamental. Possivelmente o dado que possibilitou compreender o misticismo do Conselheiro e de sua gente em termos assim

²³ *Os sertões*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.221.

²⁴ *Os sertões...*, p.206-207.

²⁵ E somos da opinião que a reviravolta operada por Euclides não conseguiu ser mais radical pois o autor continuou aferrado a seus preconceitos de ordem racial e determinista.

²⁶ *Os sertões...*, p.221.

tão negativos foi a expectativa milenarista que Euclides divisou em Belo Monte, considerando-a central para a sua compreensão. Com esse dado foi-lhe possível aproximar o Conselheiro, “um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse”,²⁷ de figuras quase desconhecidas do cristianismo das origens, mormente Montano da Frígia, que Euclides conheceu pela leitura da obra de Ernest Renan sobre os primeiros séculos cristãos. O fascínio do escritor por essa aproximação é tamanho que ele chega a transcrever uma passagem do autor francês sobre o líder frígio para aplicar ao sertanejo: se no longínquo século II

o objeto único das profecias frígias era o julgamento próximo de Deus, o castigo dos perseguidores, a destruição do mundo pagão, o reino dos mil anos e suas delícias,²⁸ no sertão baiano o tom não era outro:

O profetismo tinha... na sua boca [do Conselheiro], o mesmo tom... Anunciava, idêntico, o juízo de Deus, a desgraça dos poderosos, o esmagamento do mundo profano, o reino de mil anos e suas delícias.²⁹

Nota-se logo que o Conselheiro carrega um agravante: ele expressa um cristianismo há muito esquecido, que não faz qualquer sentido no momento atual. Um típico caso de insânia que em outros tempos poderia ser considerado normal.³⁰

Não vem ao caso discutir aqui se este veio milenarista foi mesmo determinante na trajetória do arraial conselheirista. Aliás, as tendências mais recentes da pesquisa estão apontando em direção contrária.³¹ Mas o que importa aqui é que a caracterização de Belo Monte como um arraial milenarista, tese que fez história e vem se reproduzindo mesmo até nossos dias,³² jogou na obra euclidiana um papel decisivo: o empreendimento Belo Monte não teria qualquer possibilidade de vingar, ancorado que estava em bases tão frágeis e ultrapassadas, deploráveis mesmo. O que não significa que o procedimento bélico tenha sido o mais adequado para dissuadi-lo:

²⁷ *Os sertões...*, p.221.

²⁸ *Marc-Aurèle et la fin du monde antique*. Paris, Calmann-Lévy, 1929, p.215.

²⁹ *Os sertões...*, p.223.

³⁰ *Os sertões...*, p.208. Sobre a leitura de Renan e a acentuação do aspecto racial e evolucionista por Euclides pode-se ler Luiz Costa Lima. *Terra ignota: a construção de Os sertões*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1997, p.108-124.

³¹ Desde pelo menos a publicação em 1974, por Ataliba Nogueira, de um caderno de prédicas atribuídas a Antonio Conselheiro (3 ed., São Paulo, Atlas), esta perspectiva vem sendo seriamente colocada em dúvida, ou pelo menos considerada secundária para a compreensão da vivência e expectativas religiosas em Belo Monte. Discutimos essa questão com mais pormenores em “Antonio Conselheiro e Belo Monte: entre promessas cumpridas e esperadas”. In: *Idéias e Argumentos*. Americana, 2001, n.4, p.192-223.

³² Sirvam de exemplo as obras de Maria Isaura Pereira de Queiroz (*O messianismo no Brasil e no mundo*. 2 ed., São Paulo, Alfa-ômega, 1977) e, mais recentemente, de Robert Levine (*O sertão prometido: o massacre de Canudos*. São Paulo, Edusp, 1995).

Requeriam [aqueles pobres rebelados] outra reação. Obrigavam-nos a outra luta. Entretanto enviamos-lhes o legislador Comblain; e esse argumento único, incisivo, supremo e moralizador – a bala.³³

Talvez exatamente nesse ponto se localize o posicionamento diferenciado e revisionista que o autor passa a adotar na escrita de *Os sertões*: se Belo Monte era inviável, não eram as armas o melhor instrumento para demonstrá-lo. Se a análise euclidiana apenas tivesse chegado até aqui, nada teria mudado. Ela apenas teria reforçado os estereótipos que já encontráramos nas reportagens. Felizmente temos toda a terceira parte da obra pela frente...

Guerra de irmãos e martírio dos belmontenses

Quando, finalmente, a obra de Euclides se converte num corajoso manifesto contra a crueldade perpetrada à gente de Antonio Conselheiro pelo Exército brasileiro, também o influxo sutil de referências da Bíblia mudou de acento, contribuindo para dar maior força à denúncia do massacre e da crueldade, que fica mais impressionante quando articulada a outras situações, conhecidas dos leitores, sobre as quais há consenso geral. A campanha militar fora um equívoco, era necessário denunciá-lo. Assim, constataremos manifestações evidentes da solidariedade do escritor para com as pobres vítimas da República, embora, como já dissemos, nem um pouco com o projeto que as animava. Consideremos duas passagens.

Em primeiro lugar, num momento perdido da quarta expedição já em combate, uma página que inequivocamente nos remete a “uma paisagem bíblica”.³⁴ Uma “tapera babilônica” que com seu entorno evocava a longínqua e desconhecida Iduméia (às vezes chamada Edom). Região ao sul de Israel, nela habitavam descendentes de Esaú, irmão gêmeo de Jacó, o ancestral de Israel. Ambos os povos desenvolveram uma trajetória acidentada, de conflitos e traições mútuas. Daí que se encontrem na Bíblia palavras desabonadoras e anúncios quanto a sua destruição, o que permitiu a Euclides falar dela como “esterilizada para todo o sempre pelo malsinar fatídico dos profetas”.³⁵

³³ *Os sertões...*, p. 251.

³⁴ As considerações a seguir devo-as a Flávio Aguiar, que fez a gentileza de me ceder cópia de seu artigo “A volta da serpente. Um estudo sobre *Os sertões*, de Euclides da Cunha”, ainda inédito.

³⁵ *Os sertões...*, p. 436. As citações bíblicas em que as invectivas contra Edom aparecem de forma mais categórica são o Sl 137 e a profecia de Abdias, bem como Is 34. Nestes casos o contexto é o da colaboração edomita para a destruição de Jerusalém pelos babilônios.

Mas se o registro fosse apenas esse, não teríamos saído das alusões fatalistas das reportagens aos anúncios proféticos da Bíblia. Na verdade, este aspecto não é o único, e nisso se mostra a perspectiva nova adotada por Euclides. Os idumeus não são apenas os inimigos de Israel. São, antes de tudo, seus irmãos. Daí que outra passagem, do livro dos Números, mostre que, diante das recusas de Edom a que Israel passasse pelo seu território edomita para chegar a sua terra prometida, Moisés tenha optado por contorná-lo a fazer guerra ao povo irmão (Nm 20,14-21). A saga da Iduméia no relato bíblico é suficientemente ambígua para dar conta das posições de Euclides em relação à guerra e, em particular, a Belo Monte: hostil, seu desaparecimento se daria pelo decurso do tempo, não por uma guerra fratricida...

Uma outra imagem, essa talvez ainda mais poderosa.³⁶ Já no fim da guerra, o arraial praticamente destruído. Incêndios aqui e ali, fumaça interminável, eclipsando o sol, que, vez por outra, pelo efeito oportuno de “uma lufada rija”, por meio de um “rasgão enorme” conseguia tornar visível “uma nesga do arraial”, quando se divisavam “bandos estonteados de mulheres e crianças correndo para o sul, em tumulto”. Justo nesse dia, pouco depois da morte do Conselheiro, quando Euclides pôde dizer que “a insurreição estava morta”,³⁷ porque o cerco do Exército ao arraial finalmente se consumara, a descrição da tragédia toma emprestadas aos evangelhos imagens evocadoras da morte de Jesus e amplamente conhecidas: o sol desaparecido, o véu rasgado.

Atrevemo-nos aqui a afirmar que o recurso a essas imagens e “cenas antiqüíssimas do imaginário ocidental” não se deva apenas a um “efeito estético e retórico”³⁸ evidentemente pretendido pelo livro. Ele não é desprovido de conseqüências. E o caráter religioso do movimento alvo da guerra é aqui ainda menos suficiente para explicá-lo. Na verdade, tanto a menção à Iduméia como o recurso ao relato da morte de Jesus são sintomáticos: neles se vislumbra o novo posicionamento de Euclides e sua opção ao pretender escrever um “livro vingador”. Não é pouco associar o desespero final da gente sertaneja à paixão de Jesus. E justamente o recurso aos fenômenos cataclísmicos radicaliza a dimensão de tragédia, tanto nos relatos ancestrais como no que naqueles se inspira.³⁹ Daí que a vinculação do destino trágico dos sertanejos ao de Jesus crucificado mostre que seu autor fez um longo caminho,

³⁶ *Os sertões...*, p.525. Berthold Zilly, no texto da conferência oficial da Semana Euclidiana de 1997 (“A guerra como painel e espetáculo. A história encenada em *Os sertões*”). In: *História-Ciências-Saúde Manguinhos*. Rio de Janeiro, 1998. v.5, p.13-37) terá sido o primeiro a chamar a atenção para a relevância da passagem que passamos a comentar.

³⁷ *Os sertões...*, p.526.

³⁸ As expressões são de Zilly (“A guerra como painel e espetáculo...”, p.29).

³⁹ Cabe notar que a alusão a tais fenômenos, como as trevas surgidas em pleno dia e o rasgo do véu do templo, não é feita no evangelho segundo João, o que acentua ainda mais caráter retórico deles. Considere-se ainda que, na reportagem que fez sobre esse mesmo momento da guerra, nem de longe Euclides fez alguma menção à sexta-feira-santa...

que o levou do quase escárnio inicial a uma explícita “simpatia pelos nossos extraordinários patrícios sertanejos”,⁴⁰ capaz de causar estranheza em alguns de seus primeiros leitores mais cuidadosos. E se antes o Exército aparecia como agente dos desígnios divinos, o que dizer dele agora, algoz dos novos crucificados?

Da mesma maneira constatamos como se mostra eloqüente mencionar uma situação em que, apesar de evidentes conflitos, dois povos irmãos não os resolvem pela guerra. Ou melhor, um deles, divinamente conduzido, não violenta o supostamente inferior e refratário. Em ambos os casos se evidencia “a curiosa posição de militar que se apaixona pelo inimigo e não pelo aliado”.⁴¹ Não entrando no mérito das citações e aproximações, pode-se supor que Euclides esperaria da República uma ação civilizatória como a realizada por Moisés frente a Edom. Sua decepção se expressa também ao perceber que, pelo contrário, a presença da civilização no sertão foi desastrosa, convertendo-o num imenso Gólgota.

Anotações inconclusivas

A eliminação de Belo Monte era inevitável; dessa convicção Euclides não se afastou nem mesmo quando se dedicou a escrever sua obra maior, concebida como “livro vingador”. Na contramão do progresso e confiado num insano, o arraial conselheirista não tinha qualquer possibilidade de perdurar. Desta forma se deve reiterar, como já insinuamos, que estamos diante de vingança incompleta, já que, se é verdade que o massacre dos belomontenses é ardorosamente denunciado, nem por isso as vítimas encontram a defesa da legitimidade de seu empreendimento, a organização autônoma do arraial, a única coisa que efetivamente almejavam. Mas isso era praticamente impossível ao nosso escritor, entre outras coisas por sua dificuldade de lidar com a positividade da religião. Tem razão, portanto, Nicolau Sevcenko quando afirma que, se para Euclides os sertanejos “constituem o cerne de nossa nacionalidade”, só o são “descontadas as superstições”.⁴²

Por outro lado, e não deixa de haver uma certa incongruência com aquilo que acabamos de constatar, Euclides, na sua caracterização da religiosidade vivida em Belo Monte, pinta em cores carregadas o perfil de uma comunidade cismática, seu líder como “um heresiarca do século II em plena idade moderna”.⁴³ Se acima se salientou o atavismo dessa manifestação,

⁴⁰ Carta a Araripe Junior, de 30/03/1903. In: Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Gallotti (org.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo, Edusp, 1997, p.159.

⁴¹ Walnice Nogueira Galvão. “Euclides da Cunha”. In: Ana Pizarro (org.) *América Latina: Palavra, literatura e cultura*. São Paulo / Campinas, Memorial / Unicamp, 1994, v.2, p.631.

⁴² Nicolau Sevcenko. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 4 ed., Brasiliense, São Paulo, 1999, p.145.

cabe nesse momento destacar a dimensão de julgamento, pelo qual não só reafirma a inviabilidade do arraial, agora na contramão também da religião, como o caráter nefasto da ação de seu líder: ele “abeirara-se apenas do cristianismo mal compreendido”,⁴⁴ enquanto naquele se patenteava uma “seita esdrúxula – caso de simbiose moral em que o belo ideal cristão surgia monstruoso dentre aberrações fetichistas”.⁴⁵ Se em tantas páginas se percebe a dificuldade de Euclides em lidar com Belo Monte, “um levante cujo fulcro agregador é a religião”,⁴⁶ não se pode deixar de assinalar o acordo básico aqui notado entre “o belo ideal cristão” do agnóstico Euclides e o receituário doutrinal do catolicismo ortodoxo!

De toda forma, em *Os sertões* os demônios não ocupam um dos flancos apenas; na verdade a identificação deles é mais difícil porque parecem estar em toda parte, e em algum momento assumem até as feições do Cristo morto... Nas reportagens do Diário de uma expedição ainda têm uma única faceta, ou traço dominante, pois estão num dos lados da batalha. Por isso precisam ser combatidos sem tréguas, mesmo que em alguns momentos recebam a admiração do jornalista, quase incrédulo. O jornal não admite senão este enredo: está em jogo uma causa, não a necessidade de rever referências e procedimentos. Neste momento, portanto, o episódio Belo Monte não serviu para Euclides revisar e criticar a República, tema a que sempre esteve atento.⁴⁷ Ao jornalista cabia contribuir no combate incansável aos inimigos do novo regime, certo que estava de que ele haveria de triunfar sobre este último inimigo seu. Era, portanto, necessário contrapor às superstições dos rudes sertanejos aquelas das elites culturais do litoral. Afinal de contas, como ele não se cansou de repetir, “a República”, como os deuses, “é imortal”.⁴⁸ Em *Os sertões* o tom é outro. E, ainda que desejássemos mais, justamente essa reviravolta insuficiente, em menos de cinco anos, torna sua obra-prima ainda maior, digna de celebração pelo fato de seu autor, ao fazer esse percurso, investir contra aquelas instâncias nas quais sempre confiou e aliar-se a gente em cuja causa não punha a menor confiança.

Trata-se, portanto, de uma obra indicadora de quantas revisões nossa história, particularmente a da gente anônima, continua carente. Por outro lado, a consideração sobre o conjunto da trajetória euclidiana em relação à vida e morte de Belo Monte é sugestiva

⁴³ *Os sertões...*, p.140.

⁴⁴ *Os sertões...*, p.224.

⁴⁵ *Os sertões...*, p.239.

⁴⁶ Walnice Nogueira Galvão. *Gatos de outro saco*. Ensaios críticos. Brasiliense, São Paulo, 1981, p.94.

⁴⁷ “Ao cobrir a guerra de Canudos, Euclides silenciou sobre o horror da guerra. Deixou-se cegar pela máquina de propaganda da imprensa e do governo” (Roberto Ventura. “Euclides da Cunha e a república”. In: *Estudos avançados*. São Paulo, 1996. n.26, p.275-291; a citação é da p.285).

⁴⁸ *Diário de uma expedição...*, p.68.

quanto às diversas possibilidades de apropriação do religioso, ainda que por meio de metáforas e alusões, e sua articulação com a experiência humana e histórica, interpretando-a e dando-lhe sentido. Se confrontada com outros discursos, a multiplicidade será espantosa.

na a
o da
anto
deal
cebe
r é a
deal

; na
em
ário
dos
gus
nite
as e
para
lista
tava
ário
ral.
s, “é
ente
uor,
elas
enor

ria,
obre
tiva

a de
idos.